

***PONTO DE VISTA DAS ALUNAS SURDAS NA PERSPECTIVA
BILÍNGUE EM CONSTRUÇÃO:***

Pós-graduação Latu Sensu do Departamento de Ensino Superior do INES

*Rosana Duarte Grasse
Ana Regina Campello
Betty L'Astorina de Andrade*

Resumo

Este presente artigo era produto de um trabalho de conclusão do curso de pós-graduação Latu Sensu: Educação de Surdos uma perspectiva Bilíngue em Construção. Dada a experiência como aluna nesse curso de pós-graduação, houve prejuízos de aprendizado nas aulas devido à falta de conhecimento, competência linguística e fluência da Língua de Sinais por parte dos Intérpretes de língua de sinais, e de conhecimento de especificidades culturais e linguísticas relativas aos alunos surdos pelos Professores de Pós-graduação. Diversos autores citados neste trabalho enfatizam que o bilinguismo de minorias, na prática, constitui-se como “invisível” e que a língua de sinais, cultura e identidade Surda são consideradas como “baixo prestígio”, portanto, naturalizadamente invisíveis e inferiorizadas dentro e fora da comunidade acadêmica. A questão da falta de interação entre professor e alunos e da ausência de estratégia adequada e adaptada pelos professores devido a um desconhecimento da cultura surda e do “jeito de ensinar”. Metodologia: entrevista semiestruturada com sete alunas de pós-graduação, análise quantitativa através de estatística, e qualitativa através de análise baseada com as teorizações. Concluímos que na Educação Bilíngue de/para Surdos, a fim de haver consciência bilíngue, os professores precisam ter preparo para uma educação diferenciada, novas metodologias e estratégias na educação de alunos Surdos. É necessário que a Coordenação Pedagógica esteja preparada e organize materiais educacionais com mais recursos para alunos surdos, com menos intérpretes e mais professores que dominem a Língua de Sinais.

Palavras Chaves: Alunos Surdos; Educação Bilíngue; Pós-graduação.

***Deaf students' point of view in the bilingual perspective under
construction: Latu Sensu Post-Graduation at the INES Higher Education Department***

This presente article was the product of a final work for the postgraduate course Latu Sensu: Education for the Deaf a Bilingual Perspective in Construction. Given her experience as a student in this postgraduate course, there were learning losses in the classes due to the lack of knowledge, linguistic competence and fluency in Sign Language on the part of Sign Language Interpreters, and knowledge of cultural and linguistic specificities related to deaf students by PostGraduate teachers. The various authors mentioned in this article emphasize that bilingualism of minorities, in practice, constitutes as "invisible" and that sign language, deaf culture and identity are considered "low prestige", therefore natural invisible and inferiority within and outside the academic community. The issue of lack of interaction between teacher and students and the lack of proper strategy and adapted by teachers for lack of culture and "way of teaching." Methods: Semi-structured interviews with seven students graduate quantitative analysis of statistical and qualitative means of description based on the theories interview. We conclude that in Bilingual Education from/for Deaf people, to have a bilingual

awareness, teachers need to have a prepare for a differentiated education, new methodologies and strategies of students in Deaf education. It is necessary that the Pedagogical Coordination and organize educational materials with more resources for deaf students, interpreters with less and more teachers who master sign language.

Key Words: Deaf Students; Education Bilingual; Postgraduate.

El punto de vista de los estudiantes sordos en la perspectiva bilingüe en construcción: Posgrado Latu Sensu en el Departamento de Educación Superior del INES

El presente artículo fue producto de un trabajo de conclusión del curso de posgrado Latu Sensu: Educación del Sordo: una Perspectiva Bilingüe en la Construcción. Dada la experiencia como estudiante en este posgrado, se produjeron pérdidas de aprendizaje en las clases por falta de conocimiento, competencia lingüística y fluidez de Lengua de Signos por parte de los Intérpretes de Lengua de Signos, y conocimiento de las especificidades culturales y lingüísticas relacionadas con estudiantes sordos por profesores de posgrado. Varios autores citados en este trabajo destacan que el bilingüismo de las minorías, en la práctica, se constituye como “invisible” y que la lengua de signos, la cultura y la identidad sorda son consideradas como de “bajo prestigio”, por tanto, naturalmente invisibles e inferiores dentro y fuera. de la comunidad académica. El tema de la falta de interacción entre docente y alumnos y la ausencia de una estrategia adecuada y adaptada por parte de los docentes debido al desconocimiento de la cultura sorda y la “manera de enseñar”. Metodología: entrevista semiestructurada a siete estudiantes de posgrado, análisis cuantitativo a través de la estadística y análisis cualitativo a través del análisis basado en teorizaciones. Concluimos que en la Educación Bilingüe de/para Sordos, para tener una conciencia bilingüe es necesario que los docentes estén preparados para una educación diferenciada, nuevas metodologías y estrategias en la educación de alumnos Sordos. Es necesario que la Coordinación Pedagógica se prepare y organice materiales educativos con más recursos para los alumnos sordos, con menos intérpretes y más docentes que dominen la Lengua de Señas.

Palabras llave: Estudiantes Sordos; Educación bilingüe; Posgraduación.

1. Introdução

Esse artigo era produto um trabalho de conclusão do curso de pós-graduação Latu Sensu: Educação de Surdos uma perspectiva bilingüe em construção para obtenção de grau de uma das autoras deste artigo como especialista em 2014, orientada pela Profa. Dra. Patrícia Luíza Ferreira Rezende que foi convidada pelo Curso de Pós-graduação Latu Sensu do DESU – Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

E com o crescente movimento sobre educação bilingüe de Surdos, e este produto como artigo não pode ser deixada de lado diante do crescimento de epistemologia surda, que nos Estudos Surdos e Estudos Culturais, visa atender a “demanda de promoção das ausências e valorização das experiências sociais, a epistemologia surda assume grande responsabilidade em legitimar a forma da pessoa surda em significar o mundo e produzir conhecimento” (CARNEIRO; LUDWIG, 2018, p.115).

Os autores complementaram que “os saberes surdos, alicerçados na cultura surda, estão disponíveis e clamam por novas posições principalmente no repensar a educação de surdos”. Concordam com as colocações da autora surda, Perlin (2014), de que a escola deve ser um local que oportunize o desenvolvimento das identidades surdas para que o aluno surdo encontre sua diferença. Isso pressupõe mudanças de concepção e de práticas. De acordo com a autora surda, os alunos surdos precisam aprender em sua alteridade. “A sabedoria e as experiências que as pessoas surdas ganharam com a vida podem ser a melhor fonte para avaliar os esforços nesse sentido” (CLERCK, 2010, p. 443 apud CARNEIRO; LUDWIG, 2018, p.115)

Devido a experiência de uma das autoras deste artigo que era aluna de curso de pós-graduação, houve prejuízos de aprendizado nas aulas devido à falta de conhecimento, competência linguística e fluência de Língua de Sinais por parte dos Intérpretes de língua de sinais, e de conhecimento de especificidades culturais e linguísticas relativas aos alunos surdos pelos Professores de Pós-graduação.

A questão deste artigo aponta os questionamentos: Por que os alunos surdos não conseguem acompanhar as aulas dos Professores ouvintes juntos com os Intérpretes? Se os Professores ouvintes são fluentes em Libras? Quais as disciplinas que os alunos surdos tinham mais afinidades? E a partir daí elaboramos os questionários para obter os resultados e mostrar que a estrutura de ensino bilíngue em construção do INES não está atendendo as perspectivas dos alunos surdos matriculados nos diversos cursos. O sistema é construído de metodologias e práticas para pessoas ouvintes.

A autora Cavalcanti (1996b, 1997a) enfatiza que o bilinguismo de minorias, na prática, constitui-se como “invisível” e que a língua de sinais, cultura e identidade Surda são consideradas como de “baixo prestígio”, portanto, naturalizadamente invisíveis. Vide discussão em BORTONI-RICARDO, 1984, e em BAGNO, 1997, 1999 apud CAVALCANTI, 1996b, 1997a) e inferiorizadas dentro e fora da comunidade acadêmica. Aponta-se a questão da falta de interação entre professor e alunos e da ausência de uma estratégia adequada e adaptada pelos professores em virtude do desconhecimento da cultura e do “jeito de ensinar” (PERLIN, 2004).

É importante salientar a falta de consciência linguística, que se define como a capacidade que exige a manipulação consciente da língua fora do contexto comunicativo e que é servida por processos cognitivos de nível superior, nomeadamente a consciência e o controle do conhecimento. De acordo com Bakhtin (1997), o que ocorre é o reverso, “a consciência individual se constrói na interação, e o universo da cultura tem primazia sobre a consciência individual”. Portanto, a construção e conhecimento através da interação é um dos fatores determinantes do respeito para o uso da língua de sinais e do espaço linguístico dos pares de Surdos no ensino acadêmico.

Na Educação Bilíngue de Surdos, para haver consciência bilíngue, os professores precisam ter preparo para uma educação diferenciada, novas metodologias e estratégias na educação de alunos Surdos. É importante que a Coordenação Pedagógica esteja preparada e organize materiais educacionais com mais recursos para alunos surdos, com menos intérpretes e mais professores que dominem a Língua de Sinais.

Considerando que o aluno surdo possui direitos garantidos pela *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, de 2009, analisando o seu Artigo 8, são indicadas algumas medidas:

B. Fomentar em todos os níveis do Sistema Educacional inclusive em todas as crianças desde tenra para com os direitos das pessoas com deficiência,

D) Promover programa de formação em sensibilidade a respeito das pessoas com deficiência e sobre os direitos das pessoas com deficiência.

Artigo 24, sobre Educação

2. Para realização desse direito, os estados partes assegurarão que;

d. As pessoas com deficiência recebam o apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;

3. Os Estados partes assegurarão às pessoas com deficiência sua plena e igual participação no sistema de ensino e na vida em comunidade.

c. Garantido que a educação de pessoas, em particular crianças cegas, surdocegas e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios da comunicação mais adequados ao indivíduo e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social.

O Ministério de Educação - MEC tem feito esforços para valorizar a Libras e para garantir o seu ensino ao professorado, em observância estrita à Lei Federal 10.172 (BRASIL, 2001), que determina o ensino de Libras aos surdos e seus familiares, e à Lei Federal 10.436/02 (BRASIL, 2002), que determina que os sistemas educacionais federais, estaduais e municipais incluam o ensino da Libras como parte dos parâmetros curriculares nacionais nos cursos de formação de educação especial, fonoaudiologia e magistério nos níveis médio e superior.

Convém lembrar que as observações acima mencionadas obrigam que os Estados a garantirem uma Educação eficaz e um respeito diferenciado nos tratamentos às pessoas Surdas, o que nos leva a considerar, num caso concreto, a situação dos alunos Surdos do curso de Pós-graduação *Latu Sensu*.

Segundo a autora Thoma (2009), foi realizada uma análise a partir do documento publicado pelo V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos, em que ela observou que em sua maioria estavam debatendo que a melhor Educação para seus pares surdos seria uma sala só de surdos com aulas ministradas por um professor surdo. Então paira a pergunta: Porque as formas de como ver e entender as diversas maneiras didáticas de se aplicar uma aula tem a ver com a realidade que se vive, passando para a realidade do outro que é semelhante, colocar; em vez de assim, a autora descreve:

Penso que seja um mito de que surdos e ouvintes tenham ritmos semelhantes, com variações individuais, mas certamente, em uma turma de inclusão, o ouvinte aprende mais rápido porque a metodologia de ensino foi preparada por e para ouvintes.

Foi possível observar, a partir da fala da autora, fatos vividos dentro de sala de aula, de onde se compreende de fato que em uma sala inclusiva não há um melhor do que outro ou alguém que aprenda mais rápido do que outro, mas conclui-se que é preciso que haja metodologia e didática próprias para os alunos surdos, respeitando-se a Língua de Sinais como primeira língua, assim como ocorre com a educação dos ouvintes. A metodologia do ensino bilíngue é adotar uma sala de aula com professores surdos e ouvintes bilíngues, capacitados e qualificados para lecionar aos alunos surdos, respeitando sempre a Língua de Sinais como sua primeira língua, de acordo com o estudo apresentado pelo documento do V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos. Exemplo de pedagogia adequada aos surdos seria implantar uma nova pedagogia que contribuísse com a identidade e cultura surda, com sua língua de sinais, suas alteridades e diferenças, a fim de os alunos se identificarem no processo de ensino. Deve-se também pensar na questão da formação dos professores surdos e professores bilíngues.

2. Metodologia

A metodologia utilizada neste artigo está baseada na análise quantitativa e qualitativa de respostas dos questionários entregues na sala de aula da pós-graduação do DESU – Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). É uma instituição federal que agrega a formação de alunos surdos de educação infantil a ensino superior. Os questionários fazem parte de uma entrevista semiestruturada com algumas questões relevantes sobre a atuação dos professores e Intérpretes de Libras na sala de aula, tendo como participantes sete (07) alunas surdas matriculadas na pós-graduação.

A elaboração e o roteiro da entrevista semiestruturada baseiam-se na proposta do autor Manzini (1990/1991, p. 154), estando tal entrevista focalizando um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com seis (06) perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Portanto, este tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre, espontâneas, com as respostas não se apresentando condicionadas a uma padronização de alternativas.

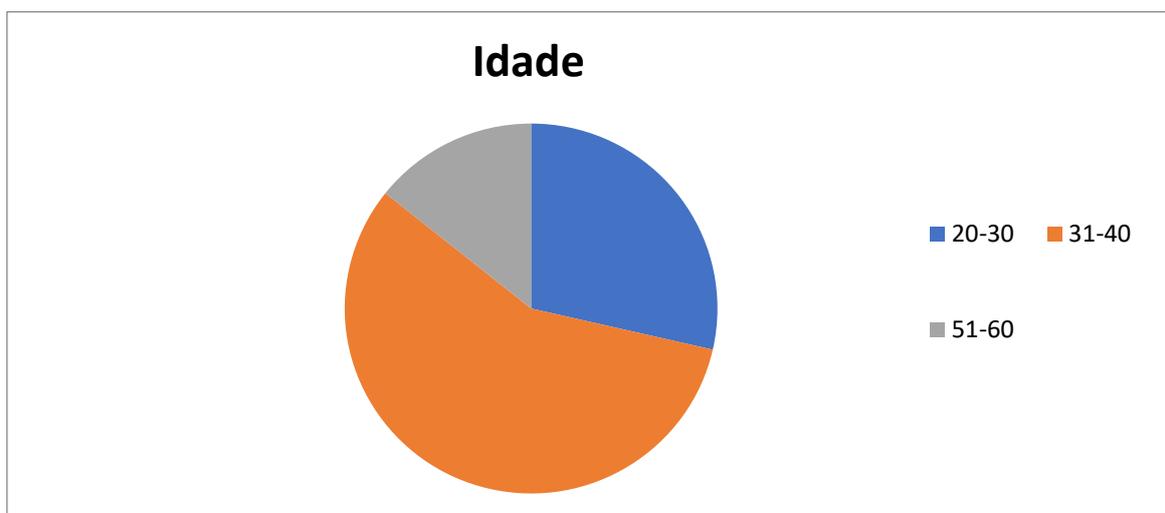
O método de análise quantitativa se baseia em análise de dados, instrumentos estatísticos para obtenção de dados aplicados a partir de entrevista semi-estruturada com um questionário convencional (material impresso) e com resposta convencional (material impresso e em vídeo) do autor Neves (1996), e o método de análise qualitativa se baseia em apresentação da descrição e análise dos dados em uma síntese narrativa com a possibilidade de generalização teórica e procura da compreensão de fenômenos a partir da perspectiva dos participantes na área específica (BODGAN e BIKLEN, 1982 apud NEVES, 1996).

As respostas aos questionários foram em duas línguas, Libras e (Português) escrito, sendo que em Libras foi mostrado em vídeo, através do qual foi traduzida a Língua de Sinais dos participantes dentro do sistema de transcrição para o português escrito, com suas respostas sendo adequadas para configurarem nos dados qualitativos.

3. Análise de Dados

As participantes entrevistadas são alunas do curso de pós-graduação do DESU – Departamento de Ensino Superior, sendo seis (06) ex-alunas do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos e (01) uma sendo aluna na escola inclusiva. Apresentamos a faixa etária conforme o quadro 01 abaixo:

Quadro 01 – Idade das entrevistadas

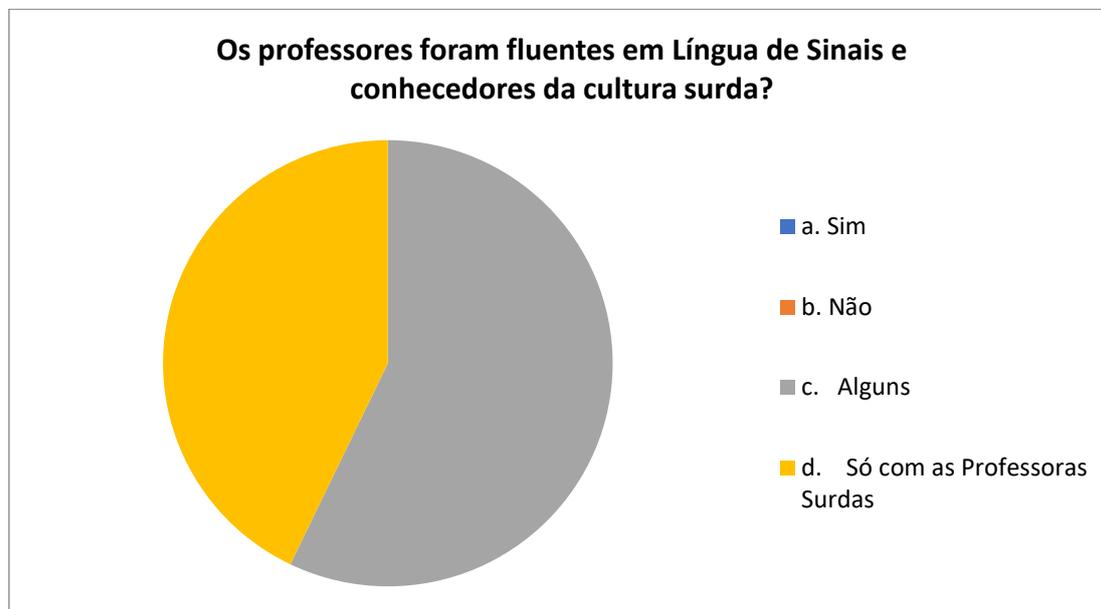


Fonte: Resultado da entrevista semiestruturada realizada pela autora (2014)

Em seguida, formulamos as seis questões, que podem ser observadas com as respectivas respostas conforme a estatística apontada. Existem algumas respostas que não foram contempladas, do tipo sim ou não, e outras cores especificadas que não foram computadas na estatística, deixando assim a margem nula. Logo depois, é apresentada a análise descritiva baseada na teoria dos autores.

1ª Questão:

Quadro 2 – As Fluências dos Professores

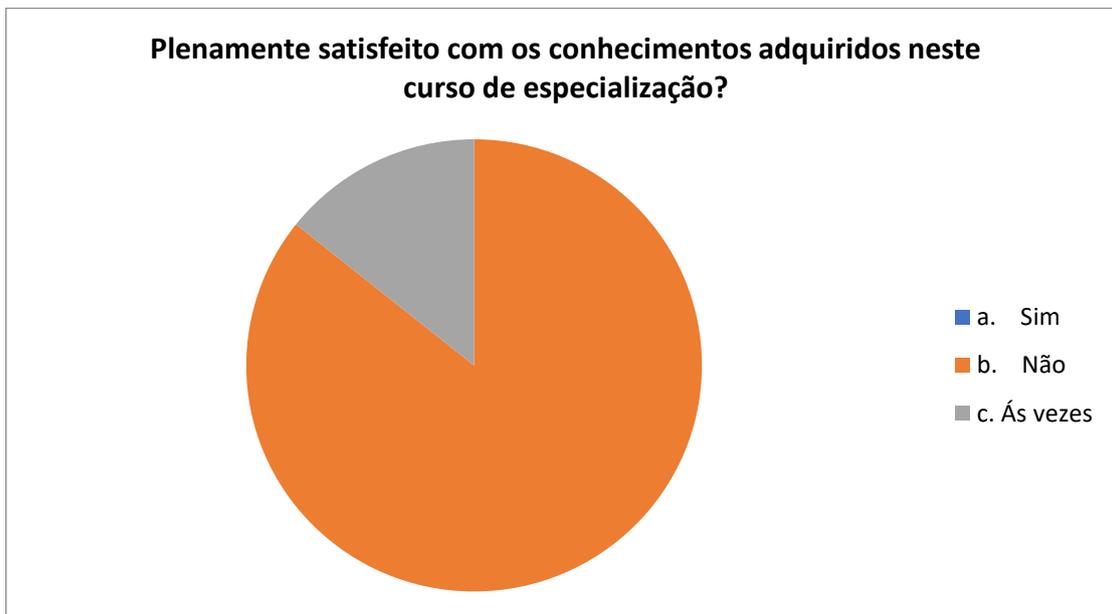


Fonte: Resultado da entrevista semiestruturada realizada pela autora (2014)

A autora Pedroso (2006) enfatiza o papel do Professor fluente em Libras, cuja atuação extrapola a interpretação e adentra no campo pedagógico, o que, conseqüentemente, favorece a aprendizagem, possibilita ao surdo o acesso aos conhecimentos veiculados na língua majoritária oralizada e escrita e viabiliza sua participação. O papel do Professor Surdo difere quando a sua língua e cultura estão presentes nos ambientes linguísticos e espaços escolares. Nesse caso, este profissional participa das propostas, realiza o seu potencial cognitivo e mostra uma imagem positiva de alguém capaz de aprender e de conviver naquele contexto.

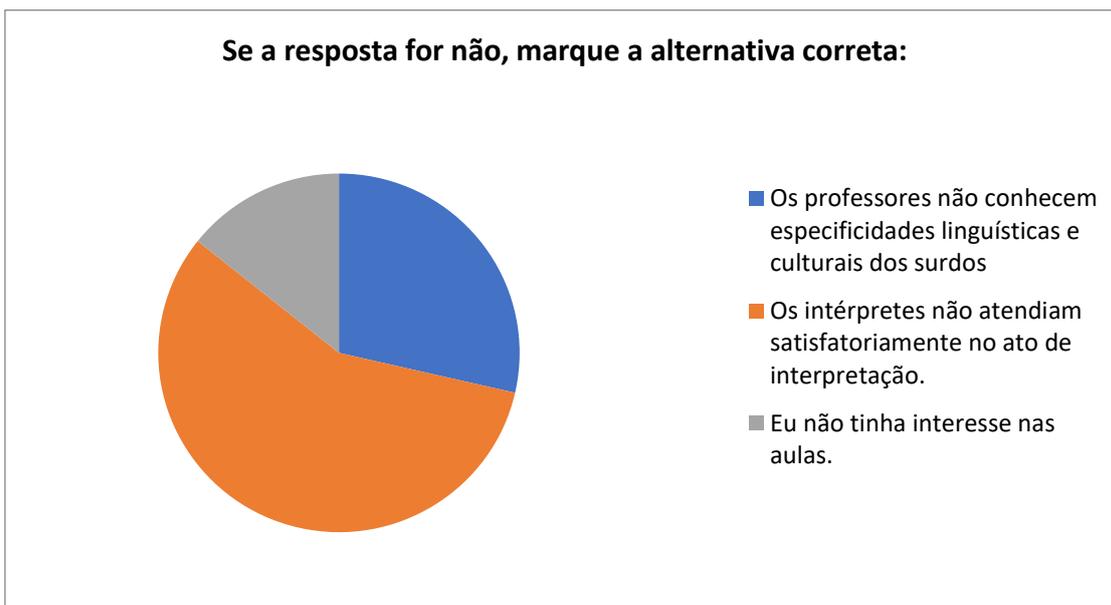
2ª Questão:

Quadro 3 – Conhecimentos no Curso de Especialização



Fonte: Resultado da entrevista semiestruturada realizada pela autora (2014)

Quadro 4 – Em caso da negação sobre conhecimentos no Curso de Especialização



Fonte: Resultado da entrevista semiestruturada realizada pela autora (2014)

As autoras Lacerda e Lodi, na sua pesquisa iniciado em 2003, afirmaram que em relação à atuação professor e intérprete em sala de aula, observou-se que a postura dos intérpretes ora favorece que o professor se arrisque no uso da Libras, apoiando-o em sua comunicação com os alunos surdos, ora desfavorece, adiantando-se na resposta de eventuais dúvidas dos alunos. Foram observadas atividades em que os alunos surdos ficavam sob a inteira responsabilidade dos intérpretes, pois os professores trabalhavam certos conteúdos com os alunos ouvintes, deixando a cargo do intérprete a proposição de atividades aos surdos. Outro aspecto a ser destacado é que os professores, muitas vezes, demonstraram não perceber as consequências de o aluno surdo ser usuário de outra língua. Assim, sua atuação como professores e não usuários em Libras, em sala de aula, não revelou uma reflexão, respeito e alteridade aprofundada sobre a surdez, e dessa forma, o modo de se relacionar com os alunos surdos e as atividades preparadas, em geral, revelou o ‘apagamento’ ou a negação da surdez, ainda que nas discussões esta percepção se revelasse presente em seu discurso.

3^a Questão:

Quais as principais dificuldades que você teve durante o curso de especialização?

- a) Faltou organizar cadeiras em forma de meio-círculo na sala de aula.
- b) Alguns professores não ficam perto dos alunos surdos.
- c) Muitos intérpretes diferentes em uma mesma disciplina, o que perde a qualidade de tradução e fluência.
- d) Incompreensão de alguns colegas de turma em relação à não aceitação do/a Professor/a Surdo/a.
- e) Didática do Ensino de LP como segunda língua e Metodologia de Artigo Científico II.
- f) As Professoras conhecem mais a cultura dos Ouvintes.
- g) Ausência de Material Didático.
- h) Ausência da Postura / Interesse dos Intérpretes no ato de tradução e de Interpretação.
- i) A Tradução Simultânea confundiu muito ou atrapalhou o desenvolvimento na sala de aula. A visualização constante cansava.
- j) Os Alunos Ouvintes aprendem mais rápido do que os Alunos Surdos. Os Alunos Surdos, pela especificidade e cognição linguística, demoram mais para entender.
- k) Os Professores precisam conhecer mais a Cultura Surda por causa do Ensino da LP como segunda Língua.

As autoras Perlin e Strobel (2006) enfatizam que a Pedagogia Surda é uma nova modalidade que oferece fundamento para a educação bilíngue a partir de uma **visão** em outra filosofia invariável hoje. As quatro entrevistadas alegaram o problema da didática do Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua, a Metodologia de Artigo Científico II e a falta de material didático, cujas atividades os professores Ouvintes se fundamentam na pedagogia

de cunho ouvincêntrico. A educação bilíngue dá-se quando o surdo é colocado em contato com sua diferença para que aconteça a subjetivação e as trocas culturais. Cito novamente Skliar:

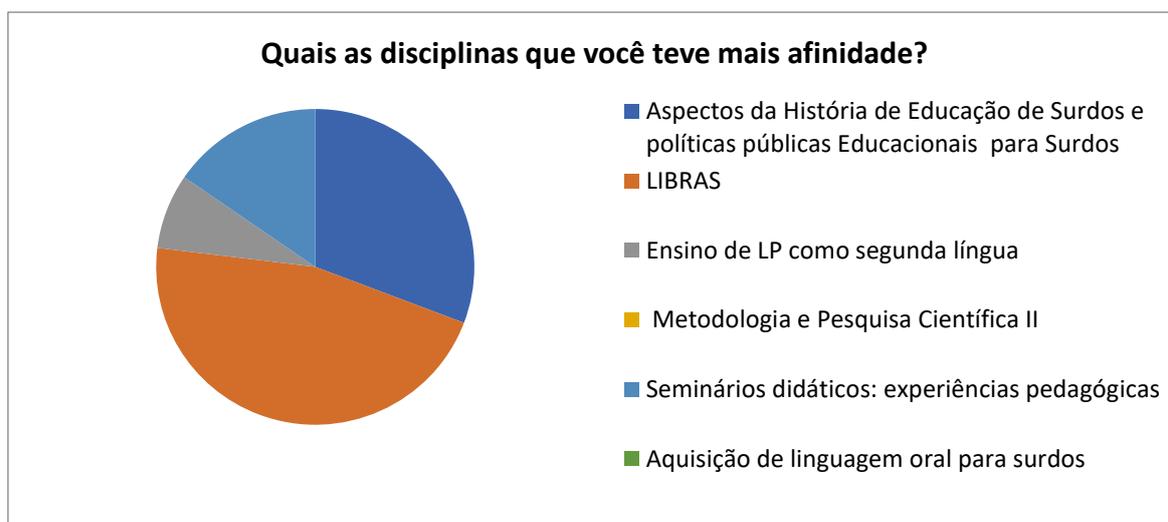
Nesse sentido, a escola democrática é aquela que se prepara para atender cada um de seus alunos. Se ela não tem condições de fazer esse atendimento, o professor precisa entrar em contato com os órgãos competentes e discutir o tema. Como responsável por vários cursos de libras e de intérpretes, entendo que a *formação de professores para atender a alunos surdos depende da convivência com a comunidade surda, a aprendizagem da língua de sinais e o estudo de uma pedagogia ampla.* (1998, p.37)

Pode-se dizer, assim, que as atividades de capacitação oferecidas contribuíram para que o professor usasse/aceitasse a LIBRAS em sala de aula, porém seus conhecimentos sobre a surdez e sobre os modos de atuar frente ao aluno surdo ainda se mostraram insuficientes, na medida em que a reflexão mais aprofundada sobre as implicações da surdez no fazer pedagógico ainda não foi incorporada no cotidiano da sala de aula.

Em consonância, as autoras Perlin e Strobel (2006) afirmam que a construção da subjetividade cultural é o objetivo mais presente na metodologia e métodos de ensino na educação bilíngue. Trata-se de mais uma concepção sociológica do surdo como pertencente a um grupo cultural; prima pela sua diferença como construção sociológica na defesa de uma liberdade social onde o sujeito surdo está presente e se torna capaz de desvencilhar-se das diversas pressões sociais durante a interação cultural, como no caso de quando a sociedade lhe impõe o papel de deficiente na filosofia da oralidade.

4ª Questão:

Quadro 4 – As disciplinas



Fonte: Resultado da entrevista semiestruturada realizada pela autora (2014)

Justifique a sua resposta: História de Educação de Surdos

- a) A Professora da disciplina de História de Educação de Surdos e Políticas Públicas Educacionais para Surdos usa Libras.
- b) As Professoras da disciplina LIBRAS também usam Libras.
- c) As professoras da disciplina Seminário Didáticos: Experiências Pedagógicas usam Libras.
- d) Tivemos contato com a nossa língua mãe e a oportunidade de compreendê-la mais a fundo.
- e) As professoras da disciplina de Libras são surdas e a comunicação foi muito clara.
- f) A didática da professora da disciplina: Ensino da L2 como segunda língua foi muito clara.

Conforme o entendimento da autora Pedrosa (2006), afirma que o papel do Professor fluente em Libras e conhecedor da cultura Surda extrapola a interpretação e adentra no campo pedagógico, o que favorece a aprendizagem, possibilitando ao Aluno Surdo o acesso aos conhecimentos e afinidades das disciplinas veiculados na língua majoritária oralizada e escrita, viabilizando sua participação, assim é formada uma imagem positiva de alguém capaz de aprender e de conviver no contexto social e educacional.

5ª Questão:

O que falta para que se tenha um ensino de qualidade como Pedagogia Visual ou que os professores atendam às suas necessidades visuais?

- a) Uso de estratégia como, por exemplo: material de DVD em cada disciplina semelhante ao curso de Letras-Libras do EAD-UFSC na mídia eletrônica.
- b) Consciência da aceitação da cultura, identidade e linguística Surda por parte dos professores ouvintes.
- c) As outras professoras não dominam / usam Libras para explicar / traduzir os conceitos.
- d) Os intérpretes no conhecimento / estudo em cada disciplina.
- e) Didática da Disciplina: Metodologia e Pesquisa Científica II.
- f) Texto de Língua Portuguesa muito longo. Deveria aparecer mais em tópicos, curtos e objetivos.
- g) Envio dos textos das aulas pelos *e-mails* como recurso didático para estudo.

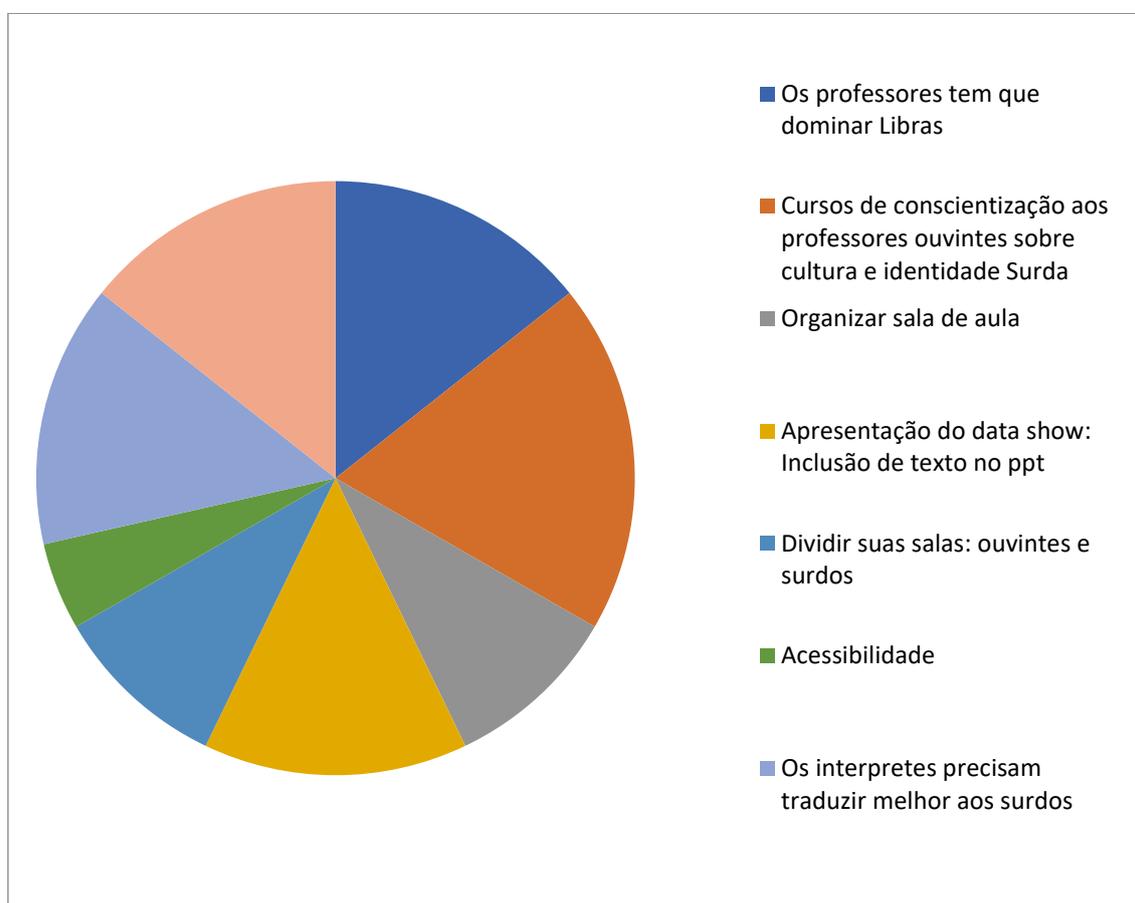
A autora Campello (2007) enfatiza que a Pedagogia Visual se baseia através do conhecimento da prática acumulada, em forma de teoria que sintetiza ou generaliza a atividade prática na esfera em que ela se realize, posto que o homem só pode transformar o mundo a partir de um determinado nível teórico, ou seja, inserindo sua práxis atual na história teórica-prática correspondente. Portanto, com as experiências observadas por meio dos Professores e Intérpretes de língua de sinais do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos, concluímos que estes educadores têm de levar

sua práxis teórica, que é uma atividade cuja experiência cotidiana possa ser transformada em uma teoria, ou em determinados aspectos dela. Este proporcionará um conhecimento necessário para transformar a realidade, ou traçará finalidades que antecipem idealmente sua transformação, mas num e noutro caso fica intacta a realidade efetiva.

6^a Questão:

Que sugestões você daria para melhorar o curso?

Quadro 5 – Sugestões



Fonte: Resultado da entrevista semiestruturada realizada pela autora (2014)

As respostas estão em consonância com as diversas autoras Pedroso (2006), Lodi e Lacerda (s/d), Perlin e Strobel (2006) e Campello (2007), que mostram que a educação bilíngue, apesar da sua construção e evolução, pressupõe mais do que o domínio de duas línguas pelo aluno Surdo. Tem que contemplar a política pedagógica pública e de planejamento, currículo e metodologia educacional constituídos de identidade, cultura e língua de Surdos, possibilitando assim aos Alunos Surdos desenvolverem-se como cidadãos diferentes, porém eficientes, e com autoimagem positiva, o que só poderá acontecer na

convivência com seus iguais e com um respeito a sua primeira língua no ambiente educacional e linguístico.

4. Consideração Final

O presente artigo mostra que a inclusão dos Alunos Surdos na perspectiva bilíngue só é possível a partir da introdução de uma metodologia e didática própria para os alunos surdos, respeitando a Língua de Sinais como primeira língua, assim como acontece com a educação dos ouvintes. A metodologia do ensino bilíngue é adotar uma sala de aula com professores surdos e ouvintes bilíngues, capacitados e qualificados para lecionar aos alunos surdos, respeitando sempre a Língua de Sinais como sua primeira língua para uma possível inclusão educacional de verdade.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. *Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009*. Presidência da República. Casa Civil. 2009. Disponível pelo link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm Acessado em 14 jun. 2014.

BRASIL. *Lei 10.436 de 24 de abril de 2002*. Presidência da República. Casa Civil. 2002. Disponível pelo link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acessado em 14 jun. 2014.

BRASIL. *Lei 10.172, de 09 de janeiro de 2001*. Presidência da República. Casa Civil. 2011. Disponível pelo link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm. Acessado em 14 jun. 2014.

CAMPELLO, Ana Regina. *Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos*. IN: QUADROS, Ronice e PERLIN, Gladis (org.). *Estudos Surdos II*. In: Ed. Arara Azul: Petrópolis, Rio de Janeiro. 2007.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves; LUDWIG Carlos Roberto. *Por outra epistemologia na Educação de Surdos*. Goiás: REVELLI. v.10 n.4, dezembro, 2018. p. 101-117.

CAVALCANTI, Marilda C. *Estudos Sobre Educação Bilíngue e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil*. Delta, vol.15. São Paulo 1999. Disponível pelo link: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300015&script=sci_arttext Acessado em 14 jun. 2014

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec. 1997

HALL, E. T. *The Hidden Dimension*. New York City: NY: Anchor Books. 1982.

LACERDA, Cristina e LODI, Ana Claudia. *A Inclusão Escolar de Alunos Surdos no Ensino Infantil e Fundamental: Buscando respeitar sua Condição Linguística e suas Necessidades Educacionais*. Fap. Disponível pelo link: <http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/4mostra/pdfs/129.pdf>. Acessado em 14 jun. 2014

MANZINI, E. J. *A entrevista na pesquisa social*. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

NEVES, J. L. *Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades*. Cadernos de Pesquisas em Administração, v. 1, n.3, 2º sem., 1996.

PEDROSO, Cristina. *O aluno surdo no ensino médio da escola pública: o professor fluente em libras atuando como intérprete*. Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP. 2006 Disponível pelo link: http://portal.fclar.unesp.br/poseduesc/teses/cristina_cinto_araujo_pedroso.pdf Acessado em 14 jun. 2014

PERLIN, Gladis. *O Lugar da Cultura Surda* In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

PERLIN, Gladis e STROBEL, Karin. *Fundamentos da Educação de Surdos*. Texto Base do EAD de Letras Libras. Centro de Comunicação e Expressão. UFSC. Florianópolis. 2006.

SKLIAR, C. *A forma visual de entender o mundo*. IN: Educação para todos. Revista especial, SEED/DEE: Curitiba, Editora Expediente. 1998.

THOMA, Adriana da Silva e KLEIN, Madalena (Org.). *Currículo e Avaliação: a diferença surda na escola*. Santa Cruz do Sul –RS, Ed. Edunisc, 2009.

Submetido em fevereiro de 2022

Aprovado em julho de 2022

Informações do(a)s autor(a)(es)

ROSANA GRASSE DUARTE
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES
rdgrasse518@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7437-4820>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5434195840751033>

ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES
acampello@ines.gov.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1464-9524>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6945261731062194>

BETTY LOPES L'ASTORINA DE ANDRADE
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
betyllaa@gmail.com
ORCID:
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0570602597396678>